



Movimento

Esalq: greve segue

Funcionários e professores reivindicam aumento salarial de braços cruzados

MARCELO ROCHA

Da Gazeta de Piracicaba
marcelo.rocha@gazetadepiracicaba.com.br

A greve dos funcionários da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) completou 16 dias nesta quarta-feira. De acordo com estimativa do Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP-Universidade de São Paulo), a paralisação já envolve aproximadamente 420 empregados que trabalham no campus da universidade em Piracicaba. Os grevistas reivindicam 9,78% de aumento, sendo 6,78% de reposição da inflação e 3% de perdas históricas.

Ony Rodrigues de Campos, diretor estadual do Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP - Universidade de São Paulo) no campus Esalq, diz que "a adesão é grande". "Está bem diferente em relação à greve de 2010, que sustentamos com muito menos gente. Este ano a adesão é forte, são vários departamentos que estão na luta", declara Campos, que lembra que a paralisação tem provocado o fechamento da portaria principal e cancelamento de aulas práticas.

Em duas reuniões, o Cruesp (Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas) - que envolve gestores da USP, da Unesp (Universidade Estadual Paulista) e da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) - decidiu pelo congelamento dos salários. Isso, alega o sindicalista, foi o "estopim da greve".

"Queremos, sim, manter



Assembleia em que os professores da Esalq/USP decidiram pela paralisação na última segunda-feira

uma universidade pública gratuita e de qualidade. Mas o 0% de aumento é inaceitável para a categoria", afirma o sindicalista.

Além do aumento salarial, a classe também reivindica "transparência e mais democracia", diz Campos. "Queremos saber a quantidade real de dinheiro que entra na universidade e a forma como os reitores estão gastando esses valores", declara. "A USP tem um estatuto elaborado durante a ditadura militar, retrógrado. Todo mundo escolhe o seu presidente, mas os funcionários da USP não podem ele-

ger o seu reitor", dispara o dirigente sindical.

REUNIÃO

De acordo com Campos, o Cruesp agendou para amanhã, dia 13, uma reunião com o Fórum das Seis (que reúne sindicatos de trabalhadores das três universidades paulistas, associações de docentes e diretórios de estudantes) para discutir a greve iniciada no dia 25 de maio. "Nem estamos falando em reabertura, porque nos dois encontros anteriores não teve negociação", comenta Campos. "Agora a gente aguarda que surja uma

proposta da reitoria diferente do 0%".

Na segunda-feira, 16, por volta das 11h, haverá uma nova assembleia dos funcionários da Esalq, informa Campos. "Aqui no campus da Esalq estamos tendo uma postura bastante pacífica e tranquila, mas chega uma hora que teremos que ser mais radicais", diz.

PROFESSORES E ALUNOS

Docentes da Esalq, que reivindicam 7,05% de aumento salarial, também resolveram cruzar os braços no fim de maio. A reportagem da Gazeta tentou contatar a Adusp (Associa-

ção dos Docentes da USP) em Piracicaba, mas não conseguiu. E na capital, contatou a assessoria de imprensa da entidade no momento em que acontecia uma assembleia, não concluída até o fechamento desta edição. A assessoria, porém, informou que a Adusp não fornece números em relação à adesão da greve.

Na última segunda-feira, alunos da Esalq promoveram uma assembleia no campus e também aderiram à greve na instituição. No dia 25 de junho, eles participarão de uma manifestação simbólica de greve.

ESALQ

Por meio de nota enviada pela assessoria de comunicação da Esalq, a instituição manifesta "respeito ao estado de greve". O comunicado cita a Lei Federal nº 7.783, que dispõe sobre o direito de greve, e destaca o Artigo 6º "que assegura aos grevistas o emprego de meios pacíficos tendentes a persuadir ou aliciar os trabalhadores a aderirem à greve". Tal artigo, frisa a nota, ainda determina que as manifestações e atos de persuasão utilizados pelos grevistas não poderão impedir o acesso ao trabalho, nem causar ameaça ou dano à propriedade ou pessoa.

Por fim, o texto lembra que "está assegurada a realização dos serviços essenciais, que no caso do campus Luiz de Queiroz incluem: alimentação de animais; condução de experimentos; entrada de fornecedores de bens e serviços etc."

Del Rodrigues